



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Escola de Educação

Licenciatura em Pedagogia

POESIA E ESCOLA: PRÁTICAS NO TREM DA POESIA

Caroline Fernanda Ramos de Carvalho Brito

Rio de Janeiro, 2013

POESIA E ESCOLA: PRÁTICAS NO TREM DA POESIA

Por Caroline Fernanda Ramos de Carvalho Brito

Monografia apresentada para conclusão do curso de graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia, no Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO, sob orientação do professor Alberto Roiphe.

“Algo só é impossível até que alguém duvide
e resolva provar o contrário.” Albert Einstein

Para meus queridos pais que são minha maior inspiração.

Agradecimentos:

Agradeço a meus pais pelo apoio e dedicação nas horas em que me encontrava aflita e em dúvida se seria possível fazer deste sonho um fato real. Vocês me deram não só a vida e uma família maravilhosa mas me ensinaram valorizar minhas próprias conquistas. Obrigado por me fazerem acreditar que seria possível!

Agradeço ao meu professor e orientador Alberto Roiphe pelas excelentes aulas que me instigaram a escrever; pela paciência e compreensão desde o início desta monografia, pelo auxílio na confecção deste trabalho, mesmo que à distância pude contar com seu apoio.

À professora e diretora do curso de Pedagogia Sandra Albernaz pela escuta nos momentos de medo e pelo seu empenho em me ajudar sempre que necessário. Fico honrada em tê-la tido como professora e sou muito grata por tudo!

Aos professores do curso de Pedagogia da UNIRIO que se empenham em nos ensinar por meio de práticas inovadoras, tornando-nos educadores preparados e conscientes. Os senhores são nossa inspiração!

Aos meus queridos amigos e colegas que me deram força para eu não desistir e lutar pela minha formatura, sei que parte de minha “teimosia” se deve a vocês.

À minha família que me deu todo o amor, apoio e compreensão necessária para tornar-me educadora. Por causa de vocês é que escolhi a pedagogia e é por vocês que me empenho em fazer o melhor pela educação.

A Deus por ter me dado família e amigos maravilhosos e me enviado força através das pessoas e situações certas, iluminando-me nas horas de trevas, dúvida e angústia, renovando sempre minha fé. Obrigado Senhor!

BRITO, Caroline Fernanda Ramos de C. Poesia e Escola: práticas no trem da poesia. 2013. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) Centro de Ciências Humanas e Sociais, Escola de Educação da UNIRIO.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de falar sobre a poesia no cenário da educação brasileira atual, resgatando seu devido valor e importância para o aprendizado e desenvolvimento de crianças em idade escolar. Para tanto, trago poemas que tem trem como tema, buscando apresentar propostas de trabalho com este gênero para potencializar o aprendizado dos alunos.

Palavras-chave: Poesia; infância; escola; ensino/aprendizagem; formação de professores.

ABSTRACT:

This work has the objective to talk about poetry in current scenario of Brazilian education, redeeming its due value and importance for the learning and development of children at school age. For both, I bring poems which has as its theme, seeking to submit proposals to work with this genre to potentiate the student's learning.

Keywords: poetry; childhood; school; teaching/learning; training of teachers.

SUMÁRIO:

Apresentação	8
Introdução	9
Capítulo 1 – Contextualizando: breve história da poesia	11
Capítulo 2 – A importância da poesia na escola	18
2.1 Leitura de poesia na escola	18
2.2 Poesia e arte	20
2.3 Poesia, a leitura estética e o jogo	22
Capítulo 3 – Tematizando: uma abordagem sobre poesias de trem	24
Considerações Finais	39
Referências	41
Anexo 1	42

Apresentação:

Definir um tema para minha monografia foi um grande desafio, apenas sabia que gostaria de tratar sobre literatura que sempre foi minha principal inspiração no trabalho com crianças, apoiando-me nos livros de histórias e contos. Desde pequena me interessei bastante pela leitura e, tive em minha casa e escola pessoas que liam muito, me incentivando e formando em mim gosto pela literatura.

Ao longo do curso de Pedagogia, tive o prazer de participar de oficinas e disciplinas que falaram sobre literatura – sempre reforçando a importância desta para a formação de leitores/escritores, sendo o professor principal mediador desta formação. Nestes diferentes momentos do curso, crescia/intensificava mais a vontade de escrever sobre o tema, porém ainda me restava decidir: que obras/textos da literatura me tocam realmente? Sobre o que irei focar meu trabalho final? Foi então, que durante as aulas da disciplina Literatura na Escola, ministradas pelo professor Alberto Roiphe (meu orientador não só na minha escolha, mas em todo o meu trabalho) que, apresentando o gênero poesia, trouxe para nós o poema “Trem de Ferro” de Manuel Bandeira. Naquele momento me encantei por tal trabalho e a poesia passou a ser uma tentadora opção de tema para escrever esta monografia. Sua poesia me tocou ao transmitir tamanha sonoridade/melodia, a partir daí formou-se em mim um engajamento para falar de poesias, um tema esquecido pela sociedade e pela escola.

Apesar do desafio, afinal, falar de poesia não é fácil, estou feliz e satisfeita com minha escolha pois este trabalho me fez refletir e reconsiderar sobre um tema que existe há tanto tempo na história do homem mas que atualmente não damos o devido valor; então proponho através desta monografia, resgatar a importância da poesia na literatura infantil e na formação de leitores/escritores. Para tanto, este trabalho está dividido em introdução mais três capítulos: passando pela história da poesia, importância desta e pela leitura e análise de dois poemas que trago para ilustrar e ampliar a reflexão do leitor. Então, boa leitura!

Introdução:

“Ler é o melhor remédio

(Giani Peres)

Eis aí um grande desafio:

Criar ávidos leitores!

Que leiam, leiam, horas a fio

Sobre ciência, poesia e amores.

Adquirir o hábito de ler é importante

Para investigar, pesquisar, delirar

Ler é mesmo algo fascinante,

Envolvente, pois te leva a criar.

Diria que ler é o melhor remédio

Contra a ignorância, desinformação e tédio

E qual é afinal o papel do professor?

Ser um exemplo, ser um elemento motivador

Oferecendo pílulas diárias de leitura

Que leve as ideias a constante fervura.”

Ler é minha grande paixão e meu trabalho final não poderia ser sobre um tema diferente senão sobre literatura, fazendo um recorte especial para a importância da leitura de poesias. Este trabalho gira em torno do grande desafio de formar leitores, instigando os professores a trabalharem a poesia, como um recurso importante nesta formação. Acredito que a literatura deve ser utilizada em sala de aula de maneira prazerosa, desvinculada dos conteúdos gramaticais, despertando o gosto pela leitura, favorecendo a criatividade, a interação leitor-texto, de modo que o aluno seja capaz produzir textos autorais e de transformar sua realidade, para tanto, as obras literárias necessitam ter um significado político-pedagógico de modo que a criança reflita sobre si e sobre a sociedade; ou seja, a literatura tem como tarefa provocar a reflexão para

transformar as crianças em cidadãos críticos conscientes. Entretanto, só com a leitura não se permite essa reflexão, é necessário que o docente estimule seus educandos por meio de atividades e questionamentos que os levem a este despertar. Pais e professores devem explorar a função educacional do texto literário: do desenvolvimento do lúdico e do domínio da linguagem; do trabalho com projetos de literatura infantil em sala de aula, utilizando não só as histórias infantis (prosa) como também a poesia para promover um ensino multidisciplinar. Devem-se criar estratégias para o uso de poemas no aprendizado da leitura, interpretação e produções de modo a proporcionar um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança. Assim, há necessidade de preparo dos docentes para a realização de atividades diversificadas e motivadoras, atividades que envolvem a poesia – pois não é costume apresentar variedade de textos, nem tão pouco fazer a leitura de poemas, sendo estes ideais para o desenvolvimento da imaginação e para a formação do leitor/escritor.

Capítulo 1 – Contextualizando: Breve História da Poesia

“Poesia advém do grego *poiesis* que em sua acepção significa criar, fazer. Em todos os momentos históricos no mundo, houve e há alguém que através de evocações imagéticas, impressões e emoções por meio de sons e ritmos harmônicos criou, recriou e fez da poesia, a linguagem dos sentimentos e das emoções.” (ROSA, 2009)

Neste primeiro capítulo, pretendo fazer uma (breve) contextualização histórica sobre a origem da poesia, com o objetivo de fazer o leitor perceber sua importância em meio a um mundo digital no qual vivemos e, subordinados a uma escola que valoriza apenas a prosa - ou seja, textos geralmente narrativos escritos em parágrafos.

A poesia surgiu intimamente ligada à música, traço que percebemos até os dias de hoje. Sua origem foi na Grécia Antiga, sua cultura – mitos, regras, religião, etc, eram transmitidos pelas poesias que em geral eram narrativas; na própria “escola” (somente frequentada pelos meninos) eram obrigados a decorar e recitar exaustivamente estes poemas; e foi através das longas poesias de Homero que a poesia gregoriana ficou conhecida mundialmente: sua repercussão era oral – até determinado momento, ainda não tinham a escrita – e eram transmitidas através dos aedos (declamadores/cantores) que iam de cidade em cidade recitando as aventuras através de versos que eram acompanhados pela lira (instrumento musical); sabemos que as grandes obras de Homero foi a “Ilíada” e a “Odisséia”.

Na Idade Média a poesia ainda era acompanhada por instrumentos musicais e até mesmo danças. Eram compostas pelos trovadores – poeta lírico medieval – que compunha as poesias e as recitava com o acompanhamento musical. Esta época foi marcada pelas cantigas líricas e cantigas satíricas. As cantigas líricas podiam ser classificadas em cantigas de amor ou cantigas de amigo; em geral, revelavam sentimentos e emoções, eram subjetivas, fundamentando-se no amor como fonte de inspiração, por este amor ser algo inatingível (impossível), restava ao poeta apenas a lealdade à pessoa amada. Para contrapor, as cantigas satíricas se pautavam em uma forte crítica à sociedade, ridicularizando pessoas e instituições; representou uma grande ousadia à época (devido as imposições e vastas restrições pela influência da Igreja

Católica); as cantigas satíricas se dividiam em: cantigas de escárnio e cantigas de maldizer. Ainda na Idade Média, surgiu o Humanismo – movimento que precedeu o Renascimento – é um momento de transição que pode ser bastante percebido por Dante Alighieri. Este autor escreveu uma das maiores obras primas de todos os tempos, a Divina Comédia – o poema de estrutura épica, descreve uma viagem que perpassa pelo inferno, purgatório e paraíso. Nesta obra é possível ver claramente o estado de angústia do homem do Século XV ao tentar conciliar a fé e a razão. Ainda no Humanismo, surge também a poesia Palaciana, chamava-se assim porque era produzida na Corte, por autores nobres que dedicavam-se a entreter a nobreza. Possuíam um vocabulário mais requintado que o dos poemas trovadorescos e não eram mais acompanhados pela música, pois sua finalidade era de serem apreciados como leitura.

Com o Renascimento, a Europa encontrava-se em um contexto de mudanças, para tanto, artistas, poetas e escritores sentiram a necessidade de acompanhar este novo contexto através de uma estética literária propícia. Surge, então, o Classicismo – que tem por referências elementos da Antiguidade grego-romana –, com uma literatura objetiva e que projeta o homem como herói. As principais características do Renascimento projetaram-se na literatura, portanto, encontramos no Classicismo o antropocentrismo, o racionalismo, a presença da mitologia e o universalismo. Os sonetos tornaram-se referência deste movimento – sonetos são poemas de forma fixa, que contém ao todo quatorze versos distribuídos em quartetos (estrofes com quatro versos) e dois tercetos (estrofes com três versos). A disposição das rimas é geralmente composta assim: nos quartetos o tipo de rima é ABAB e nos tercetos é CDE. Um autor representante deste movimento e reconhecido mundialmente é Luís Vaz de Camões (1525-1580) – considerado o maior poeta português. Foi no Renascimento, que aconteceram as grandes navegações e descobertas de continentes e países novos; e, embora seja relativo dizer que foram os portugueses que descobriram o Brasil, é a eles que devemos o início do processo de formação cultural e da construção da identidade brasileira da atualidade. Neste sentido, quando os portugueses desembarcaram aqui no Brasil, a literatura europeia já estava consolidada por uma longa tradição e por grande quantidade de obras literárias e, vale ressaltar que nesta época, Portugal passava exatamente por este contexto do Classicismo.

Entre o fim do Renascimento e o início do período do Iluminismo, surge a Estética Barroca, um movimento literário que apresenta momentos de dúvida por meio

de ideias contrastantes e/ou antíteses em que os valores oscilam entre o mundo espiritual e o material e, de linguagem complexa. É válido destacar que no fim do Renascimento, acontece a Reforma Protestante, em que questionava-se o poder da Igreja Católica e surgiam novas religiões, que eram constantemente caçadas e/ou perseguidas. Dentre suas principais características, estão: linguagem rebuscada; ornamentação textual (o autor cria figuras de linguagem a fim de expressar suas angústias); fusionismo – tenta unir razão e emoção, ou seja, a perspectiva antropocêntrica e a teocêntrica; conflito existencial; culto do contraste; visão pessimista; feísmo (refletem o sofrimento, o trágico e a dor). No Brasil, com o Barroco, nasceu o que podemos considerar a literatura brasileira, entretanto, com grande influência portuguesa e restrita a uma pequena elite culta, uma vez que a realidade do país era completamente diferente da Europa; por isso, ao chegar ao Brasil, o exagero barroco foi amenizado, pois não caberia aqui a mesma intensidade dos conflitos. Porém a literatura barroca no país manteve suas características principais, acrescentando, é claro, o nativismo, que rendeu à poesia um traço de contemplação paisagística. A obra considerada o marco inicial deste movimento aqui foi a Prosopopéia, de Bento Teixeira, o primeiro poema de características camonianas feito no país. O movimento se fortaleceu quando foram fundadas várias academias literárias por todo o país. Considera-se Gregório Matos (“Boca do Inferno”) o maior representante deste movimento no Brasil; apesar de ter produzido obras líricas poéticas de cunho religioso, amoroso e filosófico, ficou muito conhecido por sua poesia satírica – esta criticava todos: freira, padre, índio, juízes, militares, brancos, negros, mulatos, prostitutas, etc. É a partir do Barroco que configura-se uma vertente não só na literatura em geral, mas principalmente na poesia, que já representava uma forma específica de expressão.

No auge do Iluminismo, em pleno Século VIII, artistas e escritores passam a integrar o movimento do Arcadismo e/ou Neoclassicismo. Este movimento é um retorno aos princípios estéticos do Renascimento que, por sua vez, retoma alguns dos ideais da Grécia Antiga. Esse retorno marca a criação de uma estética literária pautada na poesia, mas que não sofre grandes inovações. Neste movimento os poetas simulavam ser pastores (pseudônimos pastoris) para viver uma vida idealizada em contato com a natureza, assumindo um comportamento bucólico. Dentre os temas frequentemente abordados, estão: fugir da cidade, ou seja, a preferência pela vida no campo, em lugares agradáveis que resgatavam sentimentos de paz, simplicidade, amor e equilíbrio; em

função dos exageros vividos no Barroco, os poetas árcades fazem uso de uma linguagem simples, clara e direta para expressar os ideais vividos pelo Iluminismo, portanto, favorecendo a ciência, o desenvolvimento técnico e exaltação da natureza (paisagens), alguns autores também “trazem” deuses e deusas para fazerem arte de seus poemas e abençoarem seus devaneios amorosos. No Brasil, o Arcadismo aparece num momento de exaltação da pátria e questionamento da exploração da Metrópole (Portugal), vivia-se a descoberta do ouro em Minas, o que provocou o aumento dos impostos e um quadro de extravio dos bens do país – é importante lembrar que neste mesmo período aconteceu a Independência dos Estados Unidos, mobilizando ainda mais a população brasileira a lutar pela independência, resultando então, na Inconfidência Mineira. Mas voltando à literatura, o sentimento nativista e as paisagens contribuíram para a busca de uma identidade nacional que eram expressadas por meio de poesias. O principal poeta brasileiro desta época foi Cláudio Manuel da Costa (seu pseudônimo era Glauceste Satúrnio), manifestou em seus poemas resquícios do Barroco devido à sua formação europeia, revelando ainda influências de poetas clássicos como Virgílio e Camões. Outro autor de destaque foi Santa Rita Durão, que criou o poema épico Caramuru, que virou tema de filme em 2001.

Ainda nos adentros do Iluminismo, surge um outro movimento: o Romantismo, este é considerado um marco na literatura e nas artes, tendo uma vasta influência até os dias de hoje. O romantismo apresentou várias fases – bastante opostas – e por isso envolve complexidade de compreensão. Surge no marco da Revolução Francesa, quando a burguesia ascendeu ao poder – diante das normas artísticas aristocráticas, de linguagem complexa e rebuscada, a nova classe dominante não se adequa, rompendo então, com a literatura clássica. Torna-se necessária a criação de novos parâmetros artísticos e de inserir valores que revelassem as realizações e os esforços individuais, desencadeando a subjetividade, o egocentrismo e o sentimentalismo. É importante reter que estes valores vão se modificando para assegurar a priorização do sentimentalismo e da emoção – ocorre um afastamento da realidade, pois o poeta preocupa-se consigo mesmo e com o seu mundo particular, afastando-se dos problemas sociais. Já no Brasil, com os “novos ares” resultantes da Independência, o Romantismo veio a contribuir na tentativa de definir um perfil da nossa cultura e, por isso, o nacionalismo passou a ser o marco de toda nossa produção literária do período. Aqui, o Romantismo apresentou três gerações de poeta: na primeira geração, os poetas foram marcados pelo espírito de

nacionalismo e patriotismo, com ênfase na natureza brasileira e valorizando-se o índio nativo – este se tornou o herói (por ser forte e corajoso), assumindo os ideais de identidade nacional –, os principais poetas da primeira geração foram Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias; na segunda geração, também chamada de “Mal do Século”, ficou marcada pelo pessimismo, o satanismo, o extremo subjetivismo, a depressão, ao amor intimamente ligado à morte, seus principais representantes foram os poetas Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire; por fim, na terceira geração, desenvolveu-se uma poesia de cunho político e social, o principal poeta representante foi Castro Alves.

Iniciada no Século XVIII, a Revolução Industrial veio a transformar a economia (surgimento do capitalismo), e a paisagem urbana (por meio dos avanços tecnológicos) e modificou a literatura: num cenário de progresso científico, lutas sociais, positivismo e novos ideais políticos, o homem tornou-se mais crítico e seus escritos passam a ser um “espelho social” que analisa, critica, expõe e denuncia sentimentos mais “grosseiros” tais como o ciúme, o egoísmo e o desejo sexual. Diante deste quadro surge três novas tendências (anti-românticas): o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo todas pautam-se em mostrar a vida tal qual como ela é, desmascarando as idealizações românticas. Para tanto, os autores e poetas dessa época faziam uso das novas teorias filosóficas e científicas que surgiram, tais como o determinismo, o evolucionismo, o positivismo, a psicanálise e o socialismo científico. Nas duas primeiras tendências, a poesia não tem grande ênfase e é menos trabalhada, não havendo muito a dizer sobre poemas destes períodos. Já o Parnasianismo, é um movimento poético que retoma a ideais clássicos em busca do equilíbrio, da perfeição da forma, que cultua o belo sem compromisso com os problemas do mundo e da sociedade. Surgiu em meio a Revolução Industrial, marcada pelo progresso e pelo advento da modernidade. Dentre as características estéticas, é possível verificar: o retorno aos clássicos, valorizando-se as antigas formas como os sonetos; a linguagem elaborada de discurso indireto, com o esforço intelectual e não emotivo e de minuciosas descrições; os temas eram variados, dando ênfase à forma, ao esteticismo e rimas ricas. No Brasil, o Parnasianismo teve vários representantes, sendo os de maior destaque: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac.

Entre o fim do Século XIX e início do Século XX, surge uma nova concepção artística que questionava a ciência, o racionalismo, o positivismo e que busca criticar as

estruturas sociais, este foi o movimento do Simbolismo. Em suas obras, retoma ao subjetivismo romântico, ao pessimismo, ao transcendentalismo (compreender a verdade por meio da fé, do místico) e aprofunda-se no inconsciente humano a fim de retratá-lo. Traz elementos como a sinestesia, a aliteração e a assonância. No Brasil, o autor de principal destaque foi Cruz e Souza (escravo que foi liberto), suas poesias eram marcadas por influências parnasianas, musicalidade, apelos sensoriais e jogos vogais, mas em suas temáticas destacava-se sua obsessão pelo branco e por tudo que ele simboliza. Outro autor de grande destaque foi Alphonsus de Guimaraens – por ter vivido uma tragédia em sua mocidade, com a morte de sua noiva às vésperas de seu casamento, compunha poesias de caráter exagerado, sendo a morte único meio de fazê-lo chegar a sua amada; na sua obra encontra-se constantemente a presença do misticismo, do amor e da morte, a linguagem é sugestiva e com o uso de aliterações.

No Século XX o mundo passa por transformações e experiências de Guerras Mundiais, diante deste quadro, surge o Modernismo, uma tentativa do homem de fazer transformações e buscar sua integridade, de olhar para o futuro e para tudo o que ele projetava; em suas obras apresenta diversidade linguística e temática, criando e recriando o próprio mundo na tentativa de se descobrir e de se encontrar. No Brasil, o Modernismo passou por três fases: a primeira foi caracterizada pela liberdade de expressão entre os textos e poemas, os poetas não se deixariam guiar por normas e regras e sim por sua própria subjetividade, de linguagem espontânea e valorização do cotidiano (incluindo problemas sociais); nesse clima de transformação, aconteceu um dos maiores eventos dedicados à arte no país: a Semana de Arte Moderna de 1922, festival que aconteceu com objetivo de comemorar o centenário da Independência do Brasil, foram realizados recitais, danças, mostras culturais de pinturas e esculturas e, a apresentação de diversas obras literárias. Dentre os principais autores/poetas desta primeira fase, destaco, Mário de Andrade – sua poesia expressava luta a favor da paz (por conta dos massacres da Primeira Guerra Mundial), espírito criativo e dinâmico, traços de influências parnasianas como a estética, a rima e a metrificacão; Oswald de Andrade, que se utilizava de uma linguagem próxima à fala, com frases curtas e ideias sintéticas, rompendo com a tradição linguística do verso tradicional, renovando a forma, este autor também ficou conhecido por sua habilidade de satirizar os escritores e poetas do romantismo; por fim, Manuel Bandeira, o mestre em versejar, apostava no lirismo e em temas que expressavam sua história de vida como suas dores, a paixão pela vida, o

amor e o erotismo e a evocação da infância. Na segunda fase deste movimento, o país enfrentava uma grande crise econômica e política (pós República Velha) que só piorou com a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York, onde grande parte da população estava desempregada e vivendo em situação de miséria, este cenário só começa a melhorar, quando Getúlio Vargas assume a presidência; a poesia nesta fase podia ser voltada para o íntimo e/ou na relação do homem com a realidade ou pode retratar o impacto promovido pela Primeira Guerra e pelos problemas sociais e econômicos que atingiram o mundo, sempre buscando exploração significativa da palavra e da poesia sintética, os poetas da segunda fase questionam com mais veemência o mundo e a realidade e investigando a si próprios (poesia introspectiva, centrada no indivíduo); com esta postura, construiu-se uma literatura mais engajada e politizada, sem perder o lirismo, por não aceitar a realidade como ela é, os poetas buscam, por meio da arte, não se afastarem das transformações pelo qual o homem e o mundo passam. Dentre os autores, destacam-se: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Jorge de Lima e Murilo Mendes. Na terceira e última fase do Modernismo, o país encontrava-se novamente em um momento de crise, após o fim da Era Vargas, o suicídio de Getúlio, Juscelino Kubitschek assume a presidência em 1955 com o ideal de 50 anos em 5, acaba por criar dívidas e a inflação fica sobrecarregada, para piorar, estava acontecendo o êxodo rural, piorando ainda mais as condições da população. Esta fase é marcada por uma poesia que retrocede ao investimento na linguagem formal, reestabelecendo a forma artística e bela, com influência parnasianistas e simbolistas; o principal autor/poeta desta fase foi João Cabral de Melo Neto.

Após a década de 50, surge a literatura contemporânea, que necessitava acompanhar as mudanças tecnológicas, as transformações sociais (pensamento e comportamento), ganhar caráter inovador – rompendo de vez com as tradições. No Brasil, grandes mudanças nas artes e na música acontecem devido ao surgimento da Bossa Nova e do Tropicalismo; já na literatura, surge o Concretismo, movimento que retomou as vanguardas artísticas e inovou ao propor uma arte em que os aspectos visuais e gráficos fossem valorizados. Este movimento foi iniciado pelos artistas Décio Pignatari e pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, para eles, a poesia era um objeto e/ou produto de evolução de formas; tinham como preceito atingir o anti-lirismo, a falta de versos, de rimas, métricas e ritmos fonéticos, explorando o visual e a imagem sonora, criando diferentes possibilidades de leitura, explorando o significante da

palavra. Até hoje vemos artistas que continuam a explorar o Concretismo em seus textos/poemas. Um autor de grande destaque para a literatura contemporânea foi Mário Quintana, também conhecido por ser o “poeta das coisas simples”, em suas poesias é possível notar um constante traço de reflexão e ao mesmo tempo uma ternura pelo mundo, apesar de suas desigualdades e preconceitos. Seguindo a linha de inovações do Concretismo, alguns artistas passaram a desenvolver um estilo próprio – isto ocorreu por conta de uma exposição de arte moderna que ocorreu em 1959, onde artistas como Ferreira Gullar, Hélio Oiticica e Lygia Clark fundaram o Neoconcretismo, dando origem a outros movimentos – sendo o de maior repercussão, a poesia-práxis liderada por Mário Chamie (e também seguida por Ferreira Gullar). Ferreira Gullar, considerado um dos maiores nomes da poesia-práxis, produzia uma poesia de caráter social e indagações contemporâneas; após romper com o concretismo, suas obras tinham por base as formas mais tradicionais da poesia.

Encerro aqui as considerações necessárias de acordo com as diferentes fases da literatura para abordar sobre a poesia e seu importante papel na educação e escola; pois hoje a poesia é refletida e modernizada em função da mídia – com os novos recursos tecnológicos e a chegada do hipertexto, a poesia recebe imagens, sons e até vídeos, ocupando espaços e formas distintas, mas sem perder seu caráter de voz (declamação), ritmo (som, lirismo) e expressão dos sentimentos.

Capítulo 2 – A importância da Poesia na Escola

Este será um capítulo de inserção – no qual pretendo proporcionar ao leitor uma nova visão, atribuída à importância da poesia, do lirismo, dos versos livres, ou seja, dos elementos que fazem deste gênero um promotor do imaginário infantil e possível percussor na formação da criança como leitora/escritora. Pensando sobre isto, não posso deixar de falar sobre a leitura, ou o sobre ato de ler: um ato social, não apenas cognitivo; que pode representar culturas e interação entre dois sujeitos (autor e leitor) que passam a ter uma relação diante do tema. Atualmente a leitura não se faz apenas pelo prazer, na maioria das vezes, as pessoas buscam nos textos apenas informações que se fazem necessárias (leitura eferente) e, sem necessariamente haver uma reflexão sobre o que está sendo lido, fazem apenas uma transcrição de acordo com o que leram. Isto é característico das relações que se estabelecem com a leitura na escola. Nesta, a leitura sempre está associada a uma atividade que virá depois, um trabalho escrito, um desenho, etc. Não é apenas o “ler pelo prazer de ler”, contar uma história para relaxar, descansar, fazer-nos imaginá-la; não se tem a leitura de poemas só pela simples musicalidade e sentimentalismos que nos possam trazer (leitura estética), quase sempre há uma finalidade; ficando registrado para as crianças que a leitura está associada apenas na escola e principalmente na sala de aula, pois é lá que a leitura tem uma finalidade e/ou obrigatoriedade. É preciso estar atento! O professor deve estimular a leitura, reforçar sua importância, mostrar que esta é prazerosa, que pode ser um momento de lazer!

2.1 - Leitura de poesia na escola:

Por que é um desafio a leitura de poemas? Dentre as possíveis condições que resultam no afastamento da poesia como meio educativo e prazeroso, está o gostar de ler – não apenas prosas e gêneros comuns, mas principalmente, gostar de ler poesia, ter o hábito de fazê-lo. Portanto o professor, para abordar sobre a poesia precisa gostar desta, ter o hábito de ler poemas, partindo de um repertório que conheça e que se

identifique, para então, junto com os alunos descobrir os ensinamentos que os poemas trazem. Também precisa estar aberto não só a perceber, mas a sentir seus múltiplos sentidos, captar sua essência. O desafio está aí: ler poesia dá “trabalho”, por conta das múltiplas reflexões que estas promovem, das sensações, dos elementos e sequências a serem avaliadas (percebidas). Neste sentido, o professor se sente desestimulado a trabalhar este conteúdo por não o conhecer (adequadamente) e portanto não haver uma identificação prazerosa capaz de fazê-lo buscar meios de abordagem e integração.

Outra condição que afasta a poesia se dá pela cobrança de conteúdos centrados na prosa (textos narrativos, dissertativos, etc) e na utilização de livros didáticos que reproduzem este quadro. Há hoje, nas reflexões dos professores-pesquisadores-questionadores uma crítica ao uso do livro didático, pois há uma distância considerável entre os temas presentes nesses livros e a cada grupo (turma) presente nas escolas – numa perspectiva de sala de aula como ambiente de multiplicidades, os textos dos livros didáticos são estáticos e provavelmente não atendem às necessidades de cada grupo. Além disso, as atividades que vem nestes livros estão pautadas em respostas “prontas”, de apenas uma interpretação, o que para a análise de poemas, empobrece a visualização de seus elementos e rompe com o caráter imaginativo a que estes se propõem, conforme ROIPHE (2011): “as atividades se prestam à pura decodificação de vocábulos ou ao pretexto para o exame de algumas questões gramaticais descontextualizadas, distanciando a análise e a interpretação do texto poético”. (p.133)

Diante de uma escola que prioriza os textos narrativos, frequentemente a leitura de poesia se resume a recitá-la, sem uma maior exploração de sua capacidade potencializadora. Este é um grande erro da escola, pois as crianças se identificam com a poesia por conta de seu caráter lúdico e livre; porque através de suas metáforas, figuras de linguagem e de suas rimas são capazes de “viajar” (exploração da imaginação), brincando do “faz-de-conta” tão natural para elas. O uso da poesia na escola, apresentada ao aluno enquanto este ainda está em processo de formação ajuda-o a perceber o mundo e a perceber-se enquanto indivíduo. Para entendermos melhor, cito as considerações de PAES *apud* Gebara: “a poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta” (p.14). O mundo infantil, tal como o mundo poético é composto de fantasias, imagens e sensibilidade e, ao afastar as crianças do contato desta, nega-se a elas a

capacidade de sentir nos elementos da poesia a transmissão da emoção (expressão de sentimentos).

2.2 - Poesia e Arte:

Como vimos no capítulo anterior, a poesia foi se modificando através dos avanços da humanidade, sempre de acordo com os movimentos intelectuais e artísticos que o homem viveu. Portanto, é possível perceber poesia e arte não apenas com uma estreita ligação, mas intrinsecamente ligadas (indissociáveis), afinal, a poesia é uma forma de expressão artística, expressão esta que se modifica e amplia não só os horizontes da linguagem, mas também dos sentidos, sentimentos.

Na educação, principalmente a educação infantil, é importante estar atento e enfatizar o artístico e/ou as artes, visando desenvolver a criatividade das crianças e buscando nela elementos para se trabalhar; ao desenvolver este potencial, as crianças podem contribuir e reestruturar o mundo que hão de viver revendo e reinventando novas formas para delinear a existência e o convívio das pessoas em nosso planeta. Neste sentido, a poesia vem como um elo e coloca em sintonia valores como a solidariedade, sentimentalismo, ternura e sentimentos mais nobres que serão descobertos e partilhados ao longo do tempo. Sobre isto, MOISÉS *apud* Rosa afirma: “a poesia, em sua natureza semântica, pode levar o educando a adquirir um conhecimento mais humanizador, pois a poesia é preta em sonoridade, encantamento e significados podendo também revelar o léxico e o sintático.” (p.38)

Desde sua origem, a poesia está ligada à música – seja na composição de letras para melodias (como veremos no capítulo a seguir), seja na forma como são escritas as letras das músicas. Esta relação aproxima ainda mais a poesia da arte, fazendo um paralelo música-poesia-arte, todas estas se completam e dimensionam a capacidade humana de criação. Em prol disto, abordar a poesia em sala de aula é mais do que transmitir um gênero literário, é aproximar os alunos da arte, fazê-los refletirem sobre produção artística, sobre o prazer estético que esta é capaz de incitar.

O trabalho com a poesia deve ampliar a capacidade da criança de sentir em seus elementos, a emoção; pois a poesia como expressão de arte, além de muito expressiva, representa uma inovação da linguagem, sendo esta densa e emotiva que toca as crianças por sua utilização de símbolos, imagens, rimas e ritmos. Ao desvendar as imagens proporcionadas pelo poema, as crianças conhecem a potencialidade da linguagem poética, capaz de despertar a imaginação e a fantasia; gerando nelas novas formas de expressão, qualidade de sentido, e ampliação da visão de realidade. Sendo a linguagem poética um jogo de "desconstrução" e "reconstrução", faz-se necessário criar condições para a criação de novas possibilidades; portanto, trabalhar a poesia é oferecer às crianças um universo mágico, artístico e rico de experiências e relações que somente esta linguagem permite.

2.3 - Poesia, a leitura estética e o jogo:

Para fazer uma leitura plena da poesia, ou seja, de sua essência, é necessário estar aberto ao sentimentalismo, a uma leitura reflexiva, uma leitura estética. A leitura estética acontece quando se inicia a leitura do poema, de acordo com o que este faz você sentir. A leitura estética é muito diferente da leitura praticada na escola, ela não tem uma finalidade em si, ela acontece durante a própria leitura do poema visando uma percepção de elementos que revelem como o texto foi construído. Sobre a leitura estética, GEBARA afirma:

“Um primeiro passo para todos nós leitores é enfrentarmos os textos literários, visto que eles se revelam como objetos privilegiados para a leitura estética, pois o leitor tem que voltar sua atenção para uma série de elementos, tais como a sequência das palavras, o som e o ritmo que elas trazem para o leitor, os contextos e uso dessas palavras, as sugestões conscientes ou não que elas promovem nele, os usos das estruturas tanto no âmbito comum quanto no literário, chegando até aos implícitos relacionados às sensações, as ideias, ao sentido e aos sentimentos. O leitor adota uma atitude estética e dirige sua atenção para apreender o que está ocorrendo durante o processo da leitura.” (2012, p. 26/27)

A leitura estética amplia as perspectivas da poesia e pode ser comparada ao jogo; poesia e jogo têm muito em comum – ambos são elementos da cultura; são definidos de acordo com o tempo e o espaço; têm regras, entre outras semelhanças. É importante resgatar na poesia a atividade lúdica, de jogo – o brincar com as palavras, sons e ritmos – que resulta no prazer de todos e na formação do gosto pela leitura. Para tanto, GEBARA afirma: “Nessa perspectiva se insere o poema, por apresentar em sua constitutiva uma constante recriação e uma ampliação dos limites da língua.” (2012, p. 13). A proposta de poesia como jogo, que propicia o lúdico, auxilia na compreensão de mundo e na busca de respostas às questões pessoais. Para tanto é importante selecionar textos com elementos ricos como as figuras de linguagem, metonímias, as metáforas, etc que auxiliam a criança na descoberta da riqueza da língua.

A poesia com sua linguagem, como o uso da prosopopeia – “dá vida” aos objetos inanimados –, provoca certa proximidade e intimidade com as crianças. O professor ao trabalhar com os poemas deve auxiliar seus alunos a descobrirem como se deram as associações feitas pelo autor, fazendo de conta que estas compõem as regras do jogo, instigando-os a inventarem mais versos (GEBARA, 2012). Assim cada criança perceberá elementos (regras diferentes) – de acordo com suas vivências, sensibilidade ao texto – isto poderá enriquecer ainda mais na descoberta das regras, o olhar que cada um contribui – proporcionando um trabalho de construção coletiva.

Os poemas se assemelham a um brincar, por provocar sorrisos através de situações inusitadas e, como num jogo de detetive, as crianças devem descobrir em seus elementos como este foi construído. Por algumas poesias aludirem a situações impossíveis e cômicas – estabelecem uma relação com as situações cotidianas das crianças, constroem um sentimento de proximidade e intimidade e, se tornam uma grande brincadeira promotora do imaginário.

Capítulo 3 – Tematizando: uma abordagem sobre poesias de Trem

O capítulo tem por objetivo a apresentação de dois poemas com o tema trem justificando a escolha, uma breve contextualização sobre os autores e, por fim, a análise das poesias para compor uma reflexão e/ou uma referência estética da leitura dos mesmos. Tais poemas tem uma rica variedade de elementos e são ótimos para trabalhar a poesia – tanto na educação infantil como em qualquer outro segmento e por isso a escolha destes.

- Por que usar poesias de trem?



(foto1)



(foto 2)



(foto 3)



(foto 4)



(foto 5)

O trem é bastante presente na Educação Infantil e pode ser usado como referência no ensino fundamental: há desenhos animados em que o trem aparece como personagem; as crianças pequenas gostam bastante de brincar de trenzinho – seja com cadeiras enfileiradas, uma atrás da outra, fazendo alusão à ideia de vagões de um trem (foto4), ou quando formam uma fila (com os braços esticados, as mãos no ombro do colega que está na frente, formando assim as conexões entre os vagões) e cantando musiquinhas como “piuí coloque a mão no meu ombro”, “piuí tic tac”, “piuí abacaxi” (foto3), entre outras. Crianças (principalmente os meninos), costumam ter brinquedos de trens que vêm com trilhos e alguns até apitam. Há em algumas cidades trenzinhos circulando com músicas e personagens infantis (foto2). Quando um pouco maiores, as meninas tem o costume de brincar cantando musiquinhas e batendo as mãos (foto5), nesta brincadeira canta-se “o trem maluco” – referência de cantiga nordestina –; o trem aparece nas histórias infantis e infanto-juvenis, nos filmes, além das referências do cotidiano como os trens que circulam nas cidades e são meio de transporte bastante utilizados – há também exemplos bons de serem trazidos para a sala de aula, como os “trens bala” supermodernos, as linhas de trem que existiram no país mas estão desativadas, os trens clássicos e luxuosos que ligam toda a Europa, etc. Portanto, como vemos, o trem é grande referência na infância e está integrado no dia-a-dia das crianças, podendo ser usado como brinquedo, personagem, meio de transporte ou mesmo brincadeira, sendo um excelente meio para despertar o interesse das crianças pela poesia, para tanto trago os poemas:

“Trem de Ferro (Manuel Bandeira)

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virgem Maria que foi isso maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Café com pão

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fornalha

Que eu preciso

Muita força

Muita força

Muita força

(trem de ferro, trem de ferro)

Oô...

Foge, bicho

Foge, povo

Passa ponte

Passa poste

Passa pasto

Passa boi

Passa boiada

Passa galho

Da ingazeira

Debruçada

Oô...

Menina bonita

Do vestido verde

Me dá tua boca

Pra mata minha sede

Ôo...

Vou mimbora voou mimbora

Não gosto daqui

Nasci no sertão

Sou de Ouricuri

Ôo...

Vou de pressa

Vou correndo

vou na toda

Que só levo

Pouca gente

Pouca gente

Pouca gente...”

Que vontade
De cantar!
Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá

“Trenzinho Caipira (Ferreira Gullar)

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar

Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar no ar no ar

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar

Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar.”

Estes dois poemas foram escritos entre os movimentos modernista e concretista, sendo o poema de Ferreira uma adaptação para a composição musical "Bachiana nº 2" de Heitor Villa-Lobos.

- Os autores: Manuel Bandeira e Ferreira Gullar

Manuel Bandeira:

Nasceu no Recife no ano de 1886, estudou na Escola Politécnica, pretendendo tornar-se arquiteto. Em 1910 entra em um concurso de poesia da Academia Brasileira de Letras, mas não recebe o prêmio. Sob a influência de *Apollinaire*, *Charles Cros* e *Mac-Fionna Leod*, escreve seus primeiros versos livres, em 1912; em 1917 publica seu primeiro livro (“A cinza das horas”), dois anos mais tarde, o segundo livro (“Carnaval”) é publicado recebendo elogios de João Ribeiro e desperta entusiasmo entre os paulistas iniciadores do modernismo. Em uma reunião na casa de Ronald de Carvalho, em Copacabana (1921), conhece Mário de Andrade, onde estavam também presentes, Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Osvaldo Orico. A partir desta, começa a corresponder-se com Mário de Andrade. Em 1922 não participa da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal, em São Paulo, mas sua obra é homenageada por Ronald de Carvalho que lê o poema "*Os Sapos*".

Em 1924 publica “Poesias”, que reúne seus dois livros anteriores mais um novo livro, “O Ritmo Dissoluto”. Também escreve crítica musical para a revista *A Idéia Ilustrada* e sobre a música para *Ariel*, de São Paulo. A serviço de uma empresa jornalística, em 1926 viaja para Pouso Alto, Minas Gerais, onde na casa de Ribeiro Couto conhece Carlos Drummond de Andrade. Inicia uma colaboração semanal de crônicas no *Diário Nacional*, de São Paulo, e em *A Província*, de Recife, dirigido por Gilberto Freyre. Colabora na *Revista de Antropofagia*. Em 1930 publica a obra

“Libertinagem”. É nomeado, em 1935, pelo Ministro Gustavo Capanema, inspetor de ensino secundário.

Ao completar cinquenta anos, em 1936, faz grandes conquistas: é publicada a “Homenagem a Manuel Bandeira”, livro com poemas, estudos críticos e comentários, de autoria dos principais escritores brasileiros; já o poeta, publica “Estrela da Manhã” e “Crônicas da Província do Brasil”. No ano seguinte, recebe o prêmio da Sociedade Filipe de Oliveira por conjunto de obra, e publica mais duas obras: “Poesias Escolhidas” e “Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica”. Em 1938 é nomeado professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publica “Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana” e “Guia de Ouro Preto”.

No ano de 1940 é eleito para a Academia Brasileira de Letras. Três anos depois, é nomeado professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia, deixando o Colégio Pedro II. Em 1946, recebe o prêmio de poesia do IBEC por conjunto de obra e publica “Apresentação da Poesia Brasileira e Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos”.

Em 1954, faz uma conferência no Teatro Municipal do Rio de Janeiro sobre Mário de Andrade. No ano seguinte publica “50 Poemas Escolhidos pelo Autor” e traduz *Maria Stuart*, de Schiller; inicia colaboração como cronista no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e na *Folha da Manhã*, de São Paulo. Também faz conferência sobre Francisco Mignone no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Traduz *Macbeth*, de Shakespeare, e *La Machine Infernale*, de Jean Cocteau, em 1956. É aposentado por motivos de idade, como professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia.

Em 1958, publica *Gonçalves Dias*, na coleção “*Nossos Clássicos*” da Editora Agir. Dois anos depois, sai na França, pela Pierre Seghers, *Poèmes*, antologia de poemas do autor em tradução de Luís Aníbal Falcão, F. H. Blank-Simon e do próprio autor. Em 1963, escreve para a Editora El Ateneo biografias de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Castro Alves. Escreve crônicas para o programa “Vozes da Cidade” da Rádio Roquette-Pinto, algumas das quais lidas por ele próprio, com o título “Grandes Poetas do Brasil”.

Em 1966, comemora 80 anos, recebendo muitas homenagens. A Editora José Olympio realiza em sua sede uma festa e lança os volumes “Estrela da Vida Inteira” e “Andorinha Andorinha” (seleção de textos em prosa, organizada por Carlos Drummond de Andrade). Em outubro de 1968, morre o poeta, no Hospital Samaritano, em Botafogo.

Ferreira Gullar:

José Ribamar Ferreira, nasceu em setembro de 1930, na capital do Maranhão (São Luiz). Em 1943 entra para a Escola Técnica em sua cidade natal. Sua história com a literatura se inicia por conta de uma paixão, sua vizinha Terezinha, por ela o autor passa a se dedicar à leitura de livros e a escrever poemas.

Em 1945 faz uma redação sobre o Dia do Trabalho, que apresenta como ironia o fato de não se trabalhar nesse dia, recebe nota 95 e elogios pelo seu texto. Por conta desta redação, se inspira para a produção do soneto "O trabalho", primeiro poema seu publicado, no jornal "O Combate", de São Luís, em 1948, no mesmo ano torna-se locutor da Rádio Timbira e colaborador do "Diário de São Luís" e publica seu primeiro livro de poesia “Um pouco acima do chão”, editado pelo próprio e com o apoio do Centro Cultural Gonçalves Dias. Dois anos mais tarde, presencia o assassinato de um operário pela polícia e, nega-se a ler em seu programa de rádio, um comentário que alega serem os comunistas baderneiros os responsáveis pelo ocorrido; por conta disto, perde o emprego. Mais tarde vence o concurso promovido pelo "Jornal de Letras" com o poema "O galo", sendo membro da comissão, Manuel Bandeira, Odylo Costa Filho e Willy Lewin.

Em 1954, casa-se com a atriz Thereza Aragão, com quem teve três filhos. Publica "A luta corporal", lidos por Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari causando vontade destes em conhece-lo, vontade esta manifestada através de cartas. No fim desse ano, passa a trabalhar como revisor na revista "Manchete". No início de 1955, encontra-se com Augusto de Campos, o que resulta em discussões sobre a literatura. Depois passa a trabalhar como revisor no "Diário Carioca". Em 1956 recebe convite para participar da I Exposição Nacional de Arte Concreta, no Museu de Arte Moderna

de São Paulo; em janeiro do ano seguinte, o MAM do Rio de Janeiro recebe a mesma exposição. Por discordar do artigo "Da psicologia da composição à matemática da composição", escrito pelo grupo concretista de São Paulo, o autor redige o artigo "Poesia concreta: experiência fenomenológica", marcando sua ruptura com o movimento.

Foi nomeado em 1961, pelo presidente Jânio Quadros, diretor da Fundação Cultural de Brasília, elabora o projeto do Museu de Arte Popular e dá início à sua construção. Fica no cargo até outubro do mesmo ano. Em 1962 vai trabalhar na filial carioca do jornal "O Estado de São Paulo" onde trabalhou por trinta anos. Enquanto trabalha para o jornal, alia-se ao Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, publica obras em que se vê uma nova atitude literária e um engajamento político e social que o levam à sua presidência. Produz o ensaio "Cultura posta em questão" que acaba sendo queimado por conta de uma invasão à sede do Centro; no mesmo ano, mais precisamente em abril, filia-se ao partido comunista brasileiro.

Em 1970 torna-se clandestino no país, por isso, no ano seguinte vai para o exterior, mora em Moscou, Santiago, Lima e Buenos Aires e, adota o pseudônimo "Frederico Marques". Em 1974 é absolvido das acusações, porém só retorna ao país em 3 anos depois, neste meio tempo, escreve "Poema sujo", que é lido durante uma reunião na casa de Augusto Boal, entre os presentes, estava Vinícius de Moraes que se encanta pelo escrito e pede uma cópia para trazer ao Rio – o poema é gravado em fita cassete; já em território nacional, Vinícius reúne intelectuais e jornalistas para ouvirem o "Poema sujo", então Ennio Silveira pede autorização para publicá-lo, feito que acontece em 1975, mesmo sem a presença do autor. Em 1983 é exibido na rede Globo seu especial "Insensato Coração" e no ano seguinte recebe o título de Cidadão Fluminense. Em 1992 é nomeado diretor do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), em 1992 e permanece no cargo até 1995. No mesmo ano, a rede Globo exibe a minissérie "As noivas de Copacabana", escrita em parceria com Dias Gomes e Marcílio Moraes.

No ano 2000, foi feita uma exposição em sua homenagem no MAM – Museu de Arte Moderna no Rio, intitulada "Ferreira Gullar 70 anos", no mesmo ano, ganha o prêmio Multicultural 2000 (pelo jornal O Estado de São Paulo). No ano de 2002, é indicado para o prêmio Nobel de Literatura e no mesmo ano recebe o Prêmio Príncipe Claus, (vindo da Holanda), que é dado a artistas, escritores e instituições culturais de

países fora da Europa que tenham contribuído para mudar a sociedade, a arte ou a visão cultural de seu país. Em 2010 recebe o Prêmio Luís de Camões, uma grande honra, já que este é considerado o maior prêmio da literatura de países com a língua portuguesa.

- Análise das poesias:

O poema “Trem de Ferro” de Manuel Bandeira é capaz de aludir e/ou remeter à sons produzidos por um trem em movimento – tem ritmo e musicalidade criadas pela métrica, aliteração e assonância. É marcado pela sonoridade, ousadia e versos livres (menos rimados), produz cadência do trem em diferentes velocidades e por isso é um poema que apresenta irregularidade nas estrofes havendo um jogo sonoro, devido a riqueza de sons e ritmo, foi musicado diversas vezes (há vários vídeos no you tube de diferentes produções). O poema apresenta puro lirismo, através das vivências, sentimentos e ideais do eu-lírico. Há predominância da linguagem alusiva e plurissignificativa sem apresentar um significado preciso e delimitador. Tem variantes linguísticas com linguagem interiorana remetendo à cultura popular e nordestina. O próprio título, “Trem de Ferro” já revela o tema do poema, lembrando que este meio de transporte era bastante utilizado na época em que o poema foi escrito; transportava principalmente cargas, como alimentos, maquinaria, bichos, e até pessoas. A alternância dos sons conduz a um jogo que leva o leitor a um universo mágico do imaginário da infância de forma lúdica, porém sem reduzir a um poema infantil e inocente, pelo contrário, potencializa a imaginação, o vocabulário, a expressão e a criação do leitor. Vejamos uma análise de cada estrofe:

Trem de Ferro

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virgem Maria que foi isso maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim
Café com pão

Nesta primeira parte, relata o início de um dia e da viagem, já que na época, habitualmente as partidas se davam pela manhã. Na terceira estrofe, há a presença do jogo sonoro, pois é notória a alternância entre as sílabas fortes e fracas, dando um tom de onomatopeia com sons que se assemelham ao barulho do deslocamento de um trem.

Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Ao pedir mais fogo, pensamos que isso trará mais velocidade ao trem, no terceiro, quarto e quinto versos há a presença da aliteração, com a repetição de sons consonantais do “f”. Há cadência pois notamos que na sequência tem a alternância de sílabas fortes e fracas nos versos. Em “Ai seu foguista Bota fogo Na fornalha” é nítido o encadeamento (ou enjambement), o autor passa ligação com o verso seguinte. “Muita força (...)” – sequência que também remete ao som de deslocamento do trem e ao aumento da velocidade e novamente o recurso da anáfora.

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto

Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Oô...

Nesta estrofe ainda há o uso constante da anáfora, aliteração e assonância com a repetição de palavras, consoantes e vogais, provocando ainda mais versos rimados e musicalizados. Pela descrição de paisagens, o autor sugere o que as pessoas que estão no trem vêm pela janela – elementos típicos do interior (paisagens de cidades interioranas). Também há nesta sequência o encadeamento, os versos estão ligados uns aos outros. Por uma estrofe de ser fácil a pronúncia (uso de repetições), fala-se rápido – voltando a remeter velocidade. Em “Que vontade de cantar!” – expressa a alegria do eu-lírico por estar nesta viagem, o uso da exclamação reforça este tom alegre.

Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matar minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão

Sou de Ouricuri

Oô...

Percebemos o grande uso de variantes linguísticas típicas da população que mora no interior e relata a vida de um trabalhador do canavial e que, através de seu tom melancólico, é possível pensar em alguém que está longe de sua terra natal e sente saudades. As rimas neste trecho são soantes e com assonância, como podemos ver nos destaques em negrito, itálico e sublinhado, apresentando o final das palavras igual para dar melodia e rima.

Vou depressa

Vou correndo

Vou na toda

Que só levo

Pouca gente

Pouca gente

Pouca gente...

Continuando a mensagem de pessoa que está longe de casa, relata a pressa que o eu-lírico tem de chegar e\ou voltar à sua terra – isto remete ao aumento de velocidade do trem. Há novamente o uso da anáfora em toda a estrofe; a cadência nos versos; prosopopeia pois este trecho parece ser a fala do trem de ferro; e há confluência na estrofe pois os versos convergem. O uso de reticências dá um tom de continuidade à viagem; No trecho: “Que só levo Pouca gente (...)” – Por provavelmente se tratar de um trem de carga, além de remeter ao som de deslocamento do trem constantemente.

O poema “Trenzinho Caipira”, foi escrito por Ferreira Gullar e possui uma origem interessante: na época em que ouviu pela primeira vez a música “Bachiana nº 2”, Ferreira já estava casado e sua esposa, Thereza possuía diversos discos Heitor Villa Lobos, foi em uma tarde na sala de sua casa em Ipanema (bairro boêmio carioca) que o autor ouviu pela primeira vez a melodia e ficou extasiado pois àquela lhe fazia lembrar

de suas viagens de trem com seu pai na infância. Tentou no mesmo momento (e durante anos) escrever uma letra para a melodia, mas não obteve sucesso, até que em 1975 durante seu exílio, quando estava em Buenos Aires compondo o “poema sujo”, lembrando de sua infância e conseqüentemente da música de Villa-Lobos e o poema surgiu. Anos depois, apesar de não ter pretensões de gravar o poema com a melodia, surge Edu Lobo querendo autorização para fazer a gravação e, apesar de toda a burocracia e problemas de autoria que surgiram, este conseguiu. O poema é rico em ritmo e musicalidade; percebe-se que o autor reflete sobre uma viagem de trem no qual pode ser comparada com à viagem que é a vida. Usa recursos como a anáfora, aliteração e assonância. Desconstruindo, pude ver:

Trenzinho Caipira

Lá vai o trem com o menino (1)

Lá vai a vida a rodar (2)

Lá vai ciranda e destino (1)

Cidade e noite a girar (2)

Lá vai o trem sem destino (1)

Pro dia novo encontrar (2)

Logo de cara, percebemos o uso da anáfora, com a repetição do “Lá” em vários versos. Para remeter ao lúdico e fluir a imaginação das crianças, o autor faz uso da prosopopeia dando vida à viagem de trem. Há uma alternância nos versos, o primeiro rima com o terceiro, que rima com o quinto; enquanto o segundo, rima com o quarto que rima com o sexto, usando-se rimas soantes. Há também uma comparação da viagem de trem com a vida: traz uma instabilidade do eu-lírico diante da vida, pode-se associá-lo a uma criança.

Correndo vai pela terra

Vai pela serra

Vai pelo mar

Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar no ar no ar

Vemos o uso de paisagens diferentes no qual o trem passa em sua viagem, fazendo uma referência novamente à vida e até a leitura de livros, em que “viajamos” para diversos lugares. Nota-se que nos quatro últimos versos usa-se o final “ar” para dar musicalidade e rima (fenômeno da assonância e aliteração).

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar

Nesta estrofe é mais visível o uso das rimas soantes, em que o final é igual para provocar os sons rimados e musicalidade. A repetição do poema me faz lembrar dos ciclos presentes em nossas vidas, no qual termina-se uma “fase” e/ou momento para começar outro, que, a princípio não se notam muitas diferenças, mas estas aos poucos vão se revelando, neste caso, com o final “no ar no ar no ar”.

Considerações Finais

Como falei na apresentação e introdução, minha ideia inicial era de falar apenas sobre a literatura infantil, por alguma razão, uma aula inovadora me fez repensar sobre minha escolha e me instigou a pesquisar sobre a poesia; encontrei nesta um novo sentido para se trabalhar com crianças de maneira lúdica, espontânea e potencializadora – amplia não só o vocabulário, mas o repertório de leitura e de língua. A forma como a poesia se apresenta traz ao leitor mirim um novo jeito de enxergar o mundo através das rimas. Além disso, as crianças adoram fazer rimas, em meio a brincadeiras brincam com as palavras dando ritmo e musicalidade para suas falas, faz-se um jogo muito divertido em que a imaginação para formar a combinação de sons é protagonista.

Trabalhar poesia com crianças em processo de alfabetização melhora o desempenho dos alunos pois ajuda a repensar sobre a escrita; a forma e a linguagem usadas nos poemas dá mais segurança para as crianças que estão nesta importante fase; a leitura de poemas pode ser mais acessível, fazendo as crianças lerem com mais facilidade tentando descobrir as rimas, contanto que os poemas propostos devem ser previamente selecionados de acordo com as vivências e características do grupo – cabe ao professor avaliar que poesias se enquadram para sua turma.

Na verdade, desde muito cedo, as crianças já entram em contato com a linguagem poética, expressa em manifestações culturais tais como as cantigas de roda, trava-línguas, parlendas, adivinhas, etc; a escola deveria aproveitar estes exemplos para introduzir o trabalho com a poesia. Esta se faz importante pois desperta a sensibilidade, a emoções e os valores estéticos; brinca múltiplos significados e materializa o prazer. A poesia exige análise reflexiva pois joga com múltiplos sentidos, realçando signos e significantes, levando a criança a se perceber como sujeito construtor de significados pois este questiona e transforma a realidade interior e exterior. Além disso, a poesia propõe abertura para as diferenças, é um jogo com sons, ritmos, conceitos e experiências.

O uso de poemas com o tema trem, como os que selecionei, trazem uma rica composição de elementos que promovem nas crianças um aprendizado diferente e lúdico. O trem é na infância não só um brinquedo mas um personagem no qual as crianças se identificam e gostam, o que compõe ainda mais o aprendizado como

brincadeira, modificando a maneira como os professores trabalham poesia, ampliando o repertório das crianças e fazendo-as gostarem e se identificarem com este gênero que é tão rico e importante.

Poesia é arte – por isto deve ser trabalhada na escola, para tanto, ressaltar o caráter sensível e expressivo desta, provocando o imaginário das crianças e buscando ressaltar seus elementos para promover o aprendizado. Para tanto, selecionar textos poéticos de qualidade pois a poesia para crianças exige mais do que ritmo e rimas, exige qualidade estética, despertando um grande número de sensações. Acredito que com este trabalho pude mostrar a poesia de uma maneira diferente para fazer os docentes repensarem sobre como trabalham com esta, comecem a vivenciá-la mais e modifiquem suas práticas. Poesia é um gênero que pode ser trabalhado com qualquer idade, aproximando o docente de seus alunos, proporcionando certa liberdade para a produção de textos poéticos, refletindo sobre outros gêneros e proporcionando um novo pensar sobre diferentes temas que podem ser trazidos nos poemas utilizados.

Em síntese este estudo ressaltou a importância do investimento na formação do leitor crítico, construtor de significados, que percebe seu estar no mundo e apreende sentidos com o entrelaçamento de saberes. Leitor este que questiona, em constante interação com o texto e com o mundo ao seu redor. Neste sentido, o texto poético jamais deve ser utilizado como pretexto para outros fins, mas deve ser compreendido como fruição estética, símbolo da liberdade, jogo de significados, música que eleva o espírito, brincadeira, objeto de prazer. A leitura é a experiência que proporciona as condições para a elevação e crescimento do indivíduo, desenvolvendo a reflexão, o questionar, contribuindo para a formação do espírito crítico e para a emancipação do sujeito. É fonte inesgotável de prazer, de conhecimento, emoções e experiências. Por todos estes motivos e tantos outros é que a poesia deve ser trabalhada em salas de aula, cabendo ao professor abrir os portais deste mundo tão encantador, deixando sedentos e ávidos por novas leituras.

Referências:

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4^a Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

CAMARGO, Ederson. OLIVEIRA, Silvia Helena de. Orgs. **História da Literatura, arte e poesia**. Orgs. São Paulo: Nova, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48^a Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A Poesia na Escola: leitura e análise de poesia para crianças** / Ana Elvira Luciano Gebara. – 3^a Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 10).

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **O ensino dos gêneros poéticos: reflexões e propostas** / Ana Elvira Luciano Gebara – Tese de doutorado pelo programa de pós graduação em Filosofia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação de Norma Seltzer Goldstein. São Paulo, 2009.

Goldstein, Norma Seltzer. **Versos, Sons e Ritmos**. São Paulo: Ática, 1999.

Gonçalves, Maria de Lourdes Bacicheli. **Poesia infantil: uma linguagem lúdica**. Disponível em: www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/POESIA_INFANTIL_OK.pdf

NOGUEIRA, Arnaldo J. . Biografia de Ferreira Gullar. Disponível em: <
www.releituras.com/fgullar_bio.asp >

NOGUEIRA, Arnaldo J. . Biografia de Manuel Bandeira. Disponível em <
www.releituras.com/mbandeira_bio.asp >

Roiphe, Alberto. **Poesia e ensino: um diálogo possível**. DLCV - João Pessoa, v.8, n.2, jul/dez 2011, 129-137. Disponível em: <
periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/10781>

Rosa, Maria Fernanda Vieira. **O sentido da poesia na educação infantil: a função social e algumas possibilidades pedagógicas**. 2009. Monografia (Curso de graduação em Pedagogia Pré-Escolar, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

Anexo 1:

Entrevista de Ferreira Gullar para a Folha de São Paulo. encontrada no site:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0612200923.htm>>

Como surgiu Trenzinho do caipira:

Eu ficava deslumbrado. Deslumbramento esse que voltou quando ouvi a "Bachiana nº 2"

Durante os anos que vivi em São Luís, não me lembro de ter ouvido alguma música de Villa-Lobos. Dos 18 aos 20 anos, fui locutor da Rádio Timbira que, senão me equivoco, raramente transmitia programas de música erudita. Lembro-me de programas de música popular brasileira, de música latino-americana (especialmente boleros) e de música norte-americana, que nos chegava sobretudo através dos musicais da Broadway.

Foi Thereza, minha falecida companheira, quem me revelou a música de Villa-Lobos, depois que nos casamos e passei a ouvir os discos que vieram com ela para nossa casa. Ela era apaixonada pela música dele, que cantava no coro da escola pública onde estudara. Carioca da Tijuca, pertenceu à geração que aprendera a cantar "O Canto do Pagé", em grandes comemorações oficiais no Campo do Vasco da Gama.

"Ó manhã de sol, Anhangá fugiu."

Sei é que, certa tarde, sozinho no apartamento (na antiga rua Montenegro, hoje Vinícius de Moraes, em Ipanema), pus na vitrola um disco com as "Bachianas" e ouvi, pela primeira vez, a do trenzinho do caipira.

Entrei em transe. É que, quando menino, meu pai, que fazia comércio ambulante, me levava nas viagens de trem entre São Luís e Teresina. O trem saía de madrugada e, ao amanhecer, cortava o Campo dos Perizes, um vasto pantanal, povoado de garças, marrecos, nhambus, pássaros de todo tamanho e cor. Eu ficava deslumbrado, a cada viagem. Deslumbramento esse que voltou quando ouvi a "Tocata" da "Bachiana nº 2". Tive o ímpeto, naquele instante, de pôr letra na música, mas não consegui. E não tentei uma vez só, não, mas várias, ao longo dos anos, sem resultado.

Pois bem, em 1975, ao escrever o "Poema Sujo", em Buenos Aires, evoco aquelas viagens que fazia com meu pai e, então, enquanto, antes, era a música de Villa-

Lobos que me fazia lembrar das viagens, agora elas é que me fizeram lembrar da "Bachiana nº 2" e, assim, a letra que não conseguira escrever em 20 anos, escrevi em 20 minutos:

""Lá vai o trem com o menino

lá vai a vida a rodar

lá vai ciranda e destino

cidade e noite a girar..."

Não escrevi essa letra pensando que ela um dia seria gravada; escrevia-a porque aquela reversão da lembrança foi um fator a mais de emoção, um choque mágico, que se incorporava ao poema. Por isso, pus ali uma indicação meio irônica: "Para ser cantada com a "Bachiana nº 2", "Tocata". Mas surgiu alguém que levou a sério a indicação.

O poema foi publicado em 1976, pela editora Civilização Brasileira, de Ênio Silveira, e lançado numa noite de autógrafa sem o autor. Um ano depois, volto para o Brasil e sou procurado por Edu Lobo, que queria gravar o "Trenzinho do Caipira", com minha letra. Encontramo-nos na Leiteria Mineira, que era ali na rua São José, no centro do Rio, perto da sucursal do "Estadão", onde eu trabalhava. Ele fez o arranjo e gravou o "Trenzinho", que passou a tocar muito no rádio e, verdade seja dita, contribuiu para popularizar a "Bachiana nº 2", talvez a que mais se ouve atualmente. É que a letra facilita a comunicação com as pessoas pouco habituadas a ouvir música instrumental. O mérito não é meu, claro, mas dessa obra-prima que ele compôs, acrescida, então, da interpretação de Edu.

Mas, na hora de obter a autorização para gravar a música com minha letra, Edu se deparou com um problema: a viúva do maestro alegou que adotara como norma não dividir o direito autoral com quem pusesse letra em música de Villa-Lobos. O que me pareceu razoável, já que muita gente poderia valer-se da fama do compositor para pôr qualquer letra em suas músicas e ganhar dinheiro com isso. Não foi o meu caso, como narrei aqui. De qualquer modo, isso não impediu que Edu gravasse a música. Aliás, para que eu não ficasse sem nada ganhar, ele generosamente me fez parceiro de uma das músicas, que era de sua exclusiva autoria. Aquela restrição valeu para o disco apenas, porque toda vez que o "Trenzinho" toca no rádio ou é cantado num show, recebo direito autoral. E, por ironia do destino, já aconteceu me pagarem quando tocaram a

"Bachiana", sem a letra. Como se vê, a confusão é geral.

Por falar em confusão, aproveito a oportunidade para desfazer um equívoco, que se tornou frequente, com respeito a essa letra. Em vez de "correndo pelas serras do luar", como escrevi, põem "correndo pelas serras ao luar". É o lugar-comum desbancando a poesia. Num site do Villa-Lobos, insistem no erro. Isso lembra um poema meu em que escrevi: "cantando, o galo é sem morte". Um tradutor pôs: "cantando el gallo és imortal". Pensei: é que deve ter entrado para a Academia.